

## LEITURA DE CRÔNICA NA ESCOLA: DESAFIOS DA DIDATIZAÇÃO

Irenilda Francisca de Oliveira e SILVA  
Universidade Federal de Pernambuco  
irenilda\_oliveira@ig.com.br

**Resumo:** O ensino de leitura de crônica parte, em abordagens pedagógicas tradicionais, da observação das características estruturais que a compõem, as quais são insuficientes para construção de sentidos, devido à complexidade, indeterminação e multiplicidade contextual apresentada, não bastando descrever suas partes constitutivas, mas perceber sua funcionalidade em situações concretas de uso. O foco de nosso interesse é destacar a importância da compreensão desse gênero, através de estratégias diversificadas de leitura, em sequências didáticas, observando aspectos formais e funcionais, explorando informações implícitas na construção de sentidos, estabelecendo relações entre esse gênero e outros. Nosso embasamento teórico principia com orientações discutidas por Beth e Luís Antônio Marcuschi, Bazerman, Rojo, Miller, Schneuwly/Dolz. A relevância deste trabalho funda-se numa abordagem didática desafiadora que propicie atrelar-se à leitura a ativação de conhecimentos prévios e intertextuais, constituindo-se o discente em sujeito responsivo que extrapole leituras monofônicas. A valorização da leitura nesse novo prisma pedagógico imerge o aluno em práticas sociais e atividades de linguagem letradas, habilitando-o em diferentes situações comunicativas, possibilitando o desenvolvimento, no âmbito escolar, de atividades leitoras diferenciadas e desafiadoras, visando à integração do aluno com o texto e o estabelecimento de uma leitura profícua e significativa.

**Palavras-chave:** leitura; didatização; crônica; desafios.

### Introdução

A concepção de linguagem como prática social, no tocante ao estudo dos gêneros, acena para o seu aspecto não formal e dinâmico, colocando-os como textos situados histórica e socialmente, recorrentes e estáveis do ponto de vista do estilo e composição. Definidos, no entanto, a partir dos seus propósitos comunicativos e não só por suas características formais, os gêneros são fenômenos sociais e históricos, essencialmente flexíveis e variáveis, não devendo, pois, ser classificados apenas pelas suas características estruturais.

Entretanto, na didatização do gênero crônica, dá-se um enfoque especial à estrutura desse texto, atendo-se às suas características formais que podem ser, de imediato, observadas. O ensino desse gênero parte, em abordagens pedagógicas tradicionais, da observação dos elementos que o compõem. No entanto essas características por si sós são, muitas vezes, insuficientes para a construção do sentido, devido à complexidade, indeterminação e multiplicidade contextual. Não basta descrever as partes constitutivas de uma crônica, mas perceber sua funcionalidade que poderá, inclusive, extrapolar o que costumeiramente é atribuído a esse gênero, incorporando aspectos formais de outros gêneros, como os de contos maravilhosos, por exemplo, com objetivo definido. A percepção dessa funcionalidade pelo discente só será possível, se se partir de uma proposta pedagógica que contemple seu domínio eficaz em situações concretas de uso, o que se configura como desafio na formação do leitor em língua materna.

Neste trabalho, a crônica é compreendida como gênero do cotidiano, com características sociocomunicativas definidas, constituindo uma prática social, discursiva e cognitiva e não um composto de aspectos estruturais fixamente determinados. O enfoque

dado, nesta pesquisa, não se atrela, prioritariamente, à construção textual, mas enfatiza a participação ativa do leitor no processo de formação dos sentidos do texto, ainda que, para isso, a estrutura superficial linguística tenha que ser levada em consideração.

Os embasamentos teóricos que nortearam essa discussão sobre a importância do conhecimento de gênero textual e sua didatização advieram de orientações apresentadas em Beth Marcuschi, Luís Antônio Marcuschi, Bazerman, Rojo, Miller, Schneuwly e Dolz, privilegiando a funcionalidade genérica. Estudos teóricos outros também subsidiaram esta pesquisa, em especial os ensinamentos de Luiz Antônio Marcuschi, sobre intergenericidade e intertextualidade, acrescentando-se as considerações de Koch sobre a intertextualidade intergenérica e a intertextualidade tipológica.

A relevância deste trabalho, portanto, funda-se numa proposta de abordagem didática que propicie atrelar-se a leitura da crônica à ativação de diversos conhecimentos prévios e intertextuais, constituindo-se o discente em sujeito responsivo, que extrapola a leitura monofônica e o sentido contido na superficialidade do texto.

## **1 Gêneros textuais: perspectivas e concepções**

Na tradição crítica literária, herdeira de concepção oriunda da Antiguidade, a noção de gênero foi concebida de acordo com os critérios de composição, forma e conteúdo, como elementos distintivos, observando-se critérios que remetiam os gêneros a diferentes percepções da realidade, funcionando, pois, como representantes de períodos históricos, identificados a partir das estruturas dos textos e da sua organização enunciativa.

Entretanto, nos estudos linguísticos da primeira metade do século XX, assumindo uma perspectiva funcionalista, a classificação de gênero está atrelada ao ato comunicativo, em direção ao qual ele era orientado. Já numa perspectiva enunciativa, desenvolveram-se análises para descrição dos gêneros, observando-se suas marcas formais e recorrentes. A oposição entre tipos e gêneros, em uma perspectiva textual, está centrada no fato de que aquele apresenta, em sua composição, características de natureza linguística e formal, e este se distingue pelas suas características sociocomunicativas e discursivas, implicando-se aí o estilo, o conteúdo e a funcionalidade, além da composição peculiar.

Numa perspectiva interacionista, compreendem-se os gêneros como dependentes da interação verbal, classificando-os primários e secundários; enquanto aqueles seriam espontâneos, naturais, cotidianos, estes seriam institucionalizados, construídos de forma mais elaborada, originados dos primários. Nessa mesma visão, há quem compreenda os gêneros secundários como constituintes, por terem a finalidade de determinar os valores de certo domínio de produção discursiva, como sendo situacionais e dependentes das organizações dos falantes durante o ato comunicativo.

Marcuschi (1983, 2001, 2003, 2008) acena para o aspecto não formal e dinâmico dos gêneros, colocando-os como textos histórica e socialmente situados, mostrando-os como recorrentes e estáveis do ponto de vista do estilo e composição. Para ele, os gêneros são definidos a partir de suas intenções comunicativas, e não por suas características formais, mostrando-os como fenômenos sociais e históricos, extremamente mutáveis, flexíveis e variáveis, não devendo ser classificados apenas pelas suas características estruturais.

Dionísio (2003), ancorada nas definições apresentadas por Marcuschi, especifica que conceituar gênero textual não significa, necessariamente, ficar atrelado aos aspectos estruturais ou linguísticos do texto, visto que a forma e a função estão relacionadas, apontando para o seu reconhecimento. Assim não será, unicamente, a forma que determinará o gênero, mas também a sua função, ou seja, os propósitos comunicativos aos quais se destina, sendo, pois, centrado, também, no destinatário.

Há outros casos em que os gêneros são determinados pelo suporte ou ambiente de circulação, cabendo a estes conferir-lhes a mesma classificação ou não, ainda que seja o mesmo texto, o que implica dizer, segundo Marcuschi (2003, p.21) que “mesmo texto não significa mesmo gênero”, apontando, como exemplo desse aspecto, o artigo científico e o artigo de divulgação científica, veiculados em suportes distintos.

Dessa forma, Marcuschi (2003, p. 19) aborda gêneros como práticas sócio-históricas, que contribuem para organizar e equilibrar as atividades comunicativas cotidianas, caracterizando-os como “entidades sociodiscursivas e formas de ação social incontornáveis, em qualquer situação comunicativa [...] Caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos.” São, pois, advindos das necessidades dos indivíduos em atividades socioculturais, em cujas comunidades se desenvolvem.

O surgimento de novos gêneros, já preconizado por Bakhtin (1997), se dá por transformação ou assimilação de outros gêneros já existentes, tornando-se mistos e complexando as suas nomeações. Mais importa a compreensão de sua natureza genérica ou o estabelecimento das produções de sentidos que sua estrutura formal.

Em reflexão similar, Marcuschi (2003, p. 23) define domínio discursivo como sendo “uma esfera ou instância de produção discursiva ou de atividade humana, [...] propiciando o surgimento de discursos bastante específicos.” Isso significa dizer que as atividades desenvolvidas em certos domínios, como o jornalístico - caso que analisamos -, comportam diversidades de gêneros e não um gênero particular, permitindo, por vezes, o aparecimento de gêneros complexos, por mesclar características próprias de domínios diferentes.

Para Bazerman (2005, 2006, 2007), em sintonia com o já dito, os gêneros são *frames* destinados à ação social; são as formas como agimos em sociedade, são entidades sociodiscursivas, logo extrapolando os aspectos textuais e importando, dessa forma, a criatividade e a compreensão dos indivíduos que estão na interação comunicativa cujas formas de comunicação podem ser reconhecidas e autorreforçadas pelos usuários.

Um aspecto interessante apontado por Miller (1994, 2009) é observar o gênero na estrutura comunicativa social, como capaz de estabelecer, dentro das instituições, relações de poder bem definidas, demarcando estruturas de autoridade. Constituem-se, pois, os gêneros em formas sociais de organização da vida cultural, corroborando com a visão de que o gênero deve situar-se na ação em que ele é usado e não na forma ou substância do discurso.

A abordagem funcional de gêneros tem, pois, por primaz o alcance, pelo aluno, do domínio daqueles que se lhe apresentam no cotidiano. Ao destacar-se a importância da compreensão do gênero crônica, através do ensino de estratégias diversificadas de leitura, em sequências didáticas, embasadas no texto em referência, observaram-se não apenas o seu aspecto formal, mas também a flexibilidade e a mutação estruturais, as quais podem apresentar-se como necessárias às práticas reais de linguagem de referência.

Assim, trabalhar a leitura de gênero crônica, privilegiando uma via funcional, em detrimento de aspectos simplesmente formais, implica também explorar as informações implícitas na construção do sentido desses gêneros, bem como a intertextualidade. Para isso, faz-se necessário estabelecer relações entre a crônica e outros gêneros.

Migrando para o espaço escolar, com propósito pedagógico, o gênero crônica continua a fazer-se muito presente em nosso cotidiano, sendo assim destinados à ação social, como entidade sociodiscursiva, logo extrapolando os aspectos textuais e importando, dessa forma, a criatividade e a compreensão dos indivíduos que estão na interação comunicativa, por meio do acionamento de seus contextos cognitivos.

Referindo-se a esses aspectos, em especial à intertextualidade, Koch (2007) afirma que essa competência metagenérica possibilita ao falante verificar a importância de

determinado discurso nos vários contextos, permitindo-lhe perceber de que forma a informação contida na interação comunicativa, dentro de um contexto social, deve ser processada, através da observância dos objetivos, propósitos, expectativas e intenções dos interlocutores.

Assim, pode acontecer que gêneros pertencentes a outras esferas comunicativas apareçam no lugar próprio de determinada prática social com o propósito de produzir determinados efeitos de sentido. Para que isso ocorra, o conhecimento prévio dos leitores/ouvintes com relação aos gêneros em questão é essencial.

Marcuschi (2002) também se refere a essas intercambialidades, denominando de configuração híbrida o fato de um gênero exercer a função de outro, sendo, pois, passível de mutação, de flexibilização, e essa propriedade lhe confere grande capacidade de adaptação, não permitindo sua imutabilidade.

No entanto o trabalho escolar, ao privilegiar as formas dos gêneros, como inflexíveis e imutáveis, em detrimento de sua função sociocomunicativa, desmerece essa sua característica de prática real de linguagem de referência, de ação cidadã, não reconhecendo o aluno como sujeito cognitivo, capacitado a construir o sentido do lido, por meio de estratégias diversas.

Sintetizando as ideias apresentadas, podemos afirmar que a complexidade da questão da definição de gêneros advém da diversidade dos pontos de vista adotados, mas há um ponto de confluência teórica em que se afirma serem os gêneros textuais não apenas os textos materializados que encontramos ou de que fazemos uso cotidianamente, mas os que apresentam, imprescindivelmente, características sociocomunicativas delimitadas pelos conteúdos, pelas propriedades funcionais, pelas composições e estilos.

Delimitando esse enfoque de gênero textual aos propósitos deste artigo, cabe, portanto, um breve comentário sobre as características do gênero crônica, que atendam a este projeto de didatização.

## **2 Gênero de domínio discursivo jornalístico e literário: a crônica**

Segundo Marcuschi (2008, p. 155), o domínio discursivo “constituem práticas discursivas, nas quais podemos identificar um conjunto de gêneros textuais que, às vezes, lhe são próprios ou específicos como rotinas comunicativas institucionalizadas e instauradoras de relação de poder.”.

Dessa forma, o discurso jornalístico pode abranger diferentes gêneros textuais, como, por exemplo, notícia, editorial, reportagem, charge, carta do leitor, crônica jornalística, de cunho humorístico, entre outros.

Já o domínio literário, por sua vez, apresenta outra diversidade de gêneros, entre os quais se encontram o romance, a crônica e as chamadas narrativas maravilhosas, cuja origem remonta aos povos da Antiguidade, englobando as fábulas, apólogos, parábolas, contos exemplares, mitos, lendas, sagas, contos maravilhosos, contos de fadas e tantos outros.

Tanto no domínio jornalístico como no domínio literário, faz-se presente a narrativa, com apresentação de fatos em sequência, nos quais um acontecimento causa um efeito que dá origem a outro fato e, assim, sucessivamente.

Elencando o gênero crônica como foco desta discussão, destacam-se aspectos formais característicos que podem ser, de imediato, observados, como o título e o corpo do texto, considerados as macro-partes de sua estrutura. No tocante a gêneros do domínio literário, segundo Coelho (1987), algumas narrativas literárias se assemelham, como, por exemplo, o conto de fadas e o conto maravilhoso, expressões, que, embora utilizadas indistintamente, para designar obras que constituem o acervo clássico da Literatura Infantil,

representam problemáticas distintas. Elas expressam atitudes humanas, a “... luta do eu, empenhado em sua realização interior profunda, ao nível do existencial, ou em sua realização exterior, ao nível do social.” (COELHO, 1987, p.12).

Essa diferença é quase imperceptível no plano formal, mas perceptível no tocante à problemática apresentada. No conto de fadas, observa-se a presença do maravilhoso, mas nem sempre a de fadas. O desenrolar do enredo envolve uma problemática existencial, cujo final realiza a união do herói com a heroína (homem – mulher), que precisam vencer obstáculos e provas, tudo ocorrendo num ambiente em que se movimentam seres fantásticos (reis, rainhas, príncipes, fadas, gigantes, anões, magos) em tempo e espaço novos e desconhecidos.

A mesma autora (1987) caracteriza o conto maravilhoso como uma narrativa que nunca apresenta fadas, mas mantém a presença do maravilhoso. Aborda, por sua vez, uma problemática social, relacionada à vida real, em tempo e espaço familiares e reconhecíveis. O herói (ou anti-herói) almeja a autorrealização socioeconômica, em contraposição a uma situação de miséria ou privações, motivadoras da busca pelas riquezas e poder material.

Outra narrativa maravilhosa, a fábula, tal qual o conto maravilhoso, relata uma história, apresentando, porém, cenas vividas por animais, plantas ou objetos, que falam e agem como se fossem pessoas. Costuma iniciar-se com a ação da história em pleno desenvolvimento, sem apresentar personagens ou indicar com precisão onde e quando ocorreram os fatos. É um gênero usado para dar um conselho, fazer uma crítica, alertar sobre algo que pode acontecer na vida real, ou transmitir um ensinamento. Por isso, a fábula termina, geralmente, com uma frase, que é chamada de moral da história. Os fabulistas mais conhecidos são Esopo, que viveu na Grécia, e La Fontaine, que viveu na França e ficou conhecido pela recriação que fez das fábulas de Esopo.

Ainda entre os textos literários, encontramos a crônica, considerada um gênero textual híbrido, mesclando características de gênero literário e jornalístico. Resulta da visão subjetiva do cronista, relatando, comumente, um fato advindo do cotidiano ou de noticiário jornalístico. Ela pode ser narrativa, um comentário de acontecimentos, um extravasamento pessoal do cronista e pode, ainda, ter a forma de um poema, um ofício, uma carta, um anúncio classificado, texto teatral, anedota e outros gêneros textuais. A linguagem empregada pode ser o padrão culto formal da língua ou uma linguagem coloquial simples. Caracteriza-se por ser um texto curto e leve, podendo explorar humor ou coisas sérias, apresentando ou não diálogo e narrador, com tema sempre referente à vida cotidiana ou ao prosaico. É uma apreensão lírica ou dramática de fatos corriqueiros da vida comum. Esse aspecto permite que a crônica seja incluída no domínio jornalístico, expressão da vida cotidiana, sendo o jornal um suporte comum a esse gênero.

Para caracterização de um gênero, no entanto, esses aspectos por si sós são insuficientes, devido à sua instabilidade, podendo o contexto possibilitar a modificação dos gêneros, visto que todo texto é constituinte de uma prática social de linguagem e não só artefato estrutural linguístico. Essa diferenciação deve ser considerada basilar para a didatização dos gêneros textuais, os quais devem ser explorados, em sala de aula, a partir de seus aspectos funcionais, rejeitando práticas que se filiem apenas à identificação de características formais do gênero.

### **3 Uma proposta de didatização do gênero crônica**

Partindo-se da noção de que ler é uma atividade social, de natureza interacionista, as estratégias cognitivas de leitura, desenvolvidas em sala de aula, devem estar vinculadas a uma orientação pragmática do ato de ler, ou seja, lê-se com alguma finalidade e nossa

interação não se dá por meio de qualquer texto, mas sim, por meio de gêneros textuais, cuja funcionalidade é socialmente determinada, extrapolando, por vezes, aspectos puramente formais.

Para que o discente domine um gênero textual não é bastante expô-lo a ele, pois a apreensão dos gêneros se dá de forma gradual, sendo necessário que o aluno se sinta imerso na leitura de diferentes textos de um mesmo gênero, percebendo-lhes as similitudes e as diferenças.

São os aspectos sociodiscursivos que devem ser explorados pelo professor quando da leitura do texto. Assim deve-se destacar qual a finalidade do texto, a quem é dirigido, em que locais ele circula, quais as características do gênero que lhe são peculiares. Além disso, vale a pena discutir aspectos sobre temas, léxico, sintaxe, formas de apresentação, suporte etc..

Dessa forma, é necessário que se planejem situações didáticas capazes de promover o desenvolvimento de diferentes estratégias de leitura, bem como acionar conhecimentos necessários a determinados contextos de interação, de forma que a sistematização do trabalho com a leitura atenda a finalidades variadas, permitindo ao docente desenvolver cada vez mais sua potencialidade de leitor.

Essa postura pedagógica diversificada, voltada para diferentes finalidades, não só ajuda a que o aluno desenvolva suas estratégias de leitura, como também estreita os laços do docente com as situações interlocutivas sociais, permitindo-lhe o acesso e domínio de textos diversos, o que implica diversificação dos gêneros textuais lidos.

Assim, isso só se dará com a utilização de gêneros textuais que circulem no mundo social extraescolar, como reportagens/crônicas, levantando-se discussões sobre as ideias, informações e intencionalidades possíveis, sendo essencial que esse trabalho esteja inserido em situações comunicativas, que tragam sentido e significado para a sua realização.

Se o professor considera a manifestação dos interesses de seus alunos, observáveis em conversas informais com seus colegas, ou se aproveita da ocorrência de fatos em sala de aula, pode, a partir daí, criar momentos pedagógicos, com propostas didáticas de leitura de textos relacionados às observações. Essa postura pedagógica trará o gênero textual para situações significativas para os alunos, enfatizando o prazer de ler e facilitando o domínio do gênero textual abordado.

Definido o gênero com que se vai trabalhar, é preciso que se discutam as respostas hipotéticas dos alunos com as reais características funcionais e formais do gênero crônica. Deve-se, desse modo, explicitar ao que se presta a leitura de uma crônica, ou seja, dar informações de forma mais livre e mais variada do que o fazem a notícia e a reportagem, observando-as em seus aspectos estruturais similares e antagônicos.

Adotando a proposta de didatização apontada por Solé (1998), sobre o ensino de estratégias que visem à compreensão leitora, propomos, como didatização da crônica, seguir os passos por ela sugeridos, quais sejam, motivar, oferecer os objetivos da leitura, ativar o conhecimento prévio do aluno, estabelecer previsões sobre o texto e incentivar as perguntas dos alunos sobre o texto.

Dentre os vários objetivos possíveis para uma atividade de leitura, esse gênero textual presta-se a ser lido para, a partir do conhecimento dos fatos nela abordados, propor situações de reflexão e crítica, sendo necessário que os alunos compreendam os propósitos da leitura de uma crônica. O uso de estratégia de reflexão é indispensável. Deve-se, pois, conversar com os alunos sobre o processo de leitura de uma crônica, questionando sobre a variação que a ela é imposta pela mudança de um suporte para outro ou de um jornal para outro periódico, como, por exemplo, a revista. Essa diferenciação na abordagem de um

mesmo tema, dependendo do suporte no qual a crônica esteja inserida, ocorre com vistas ao tipo de leitor, cujo perfil é possível pressupor.

Importa, dessa forma, procurar saber as expectativas que o gênero crônica ativa na bagagem cultural do leitor e que características ele atribuiria a esse gênero. Assim, antes de proceder à leitura do texto, é importante associar a leitura do verbal com o não verbal, se houver, partindo, por exemplo, da exploração do título da crônica e da ilustração que a acompanha, com o levantamento de hipóteses sobre o que eles podem representar. A validação dessas hipóteses prevê o desdobramento baseando-se nas informações já obtidas e, no andamento da leitura, deve-se evidenciar elementos que permitam decidir se as hipóteses antes formuladas podem ser validadas.

O fato de levar os alunos a pensarem sobre as personagens citadas na crônica ajuda a sequenciar o texto além de elaborar inferências necessárias ao entendimento dela, possibilitando que os alunos reflitam sobre os fatos narrados, fazendo um paralelo com seus conhecimentos prévios, os quais possibilitarão atribuir à leitura uma significação especial, um propósito para ela.

Muitas vezes, para que se compreenda uma crônica é necessário acionar uma gama de conhecimento que embasa não só o levantamento de hipóteses sobre o que será lido, acionando, na memória discente, os conhecimentos prévios importantes os quais deverão ser confrontados com o aspecto global do texto, possibilitando ajudar na previsibilidade do sentido, ao mesmo tempo em que desenvolve a capacidade leitora do discente. Assim, é necessário que se possibilite aos alunos envolver-se na situação comunicativa apresentada, enfatizando a necessidade de estabelecer intertextualidades e inferências que venham a contribuir para compreensão do texto lido, pois, na leitura do gênero crônica, é necessário que se faça uso do jogo intertextual, de forma que se encontrem elos com outros gêneros, com textos já lidos.

Essa facilitação da construção do sentido, por meio de pistas, deverá valorizar não só a interpretação do leitor mas também as intenções do autor e do valor que o suporte empresta ao gênero, ligando sua leitura às leituras de seu dia a dia.

É interessante observar que os textos mais complexos nem sempre permitem uma leitura linear e progressiva. Avançar, retroceder, avançar novamente são ações que fazem parte das estratégias de um leitor proficiente, mas o leitor em formação nem sempre consegue lançar mão desses recursos e, não raro, abandona as leituras mais complexas ao se deparar com as primeiras dificuldades. Em razão disso, cabe ao professor explicitar esses procedimentos, dando essas orientações e, até mesmo, exercitando-as.

Portanto, se se tratar de textos mais longos e que envolvam maior grau de dificuldade, a construção de sínteses parciais ajuda a estruturar o sentido, de forma a facilitar ao leitor construir a coerência global do texto, podendo isso ser feito a partir de parafraseamento mental ou por meio de elaboração de esquemas escritos.

Outras estratégias que podem ajudar o aluno a se tornar um leitor proficiente do gênero crônica e fazê-lo inferir significados de palavras desconhecidas a partir do texto, realizar consultas a outros textos de apoio. Cabe ao professor analisar a gradação de complexidade das atividades que o gênero escolhido permite. No caso da crônica, é importante que se estabeleça relação com outros gêneros, como a crônica, gênero literário que se estrutura a partir de fatos e se insere em dois domínios discursivos: o literário e o jornalístico.

Dessa forma, analisar o gênero estabelecido para perceber sua produtividade pedagógica e decidir as atividades que poderão advir dele, seu potencial progressivo é dever de todo docente que se propõe a realizar um trabalho proveitoso com a leitura de gêneros textuais, de forma que o discente se torne capaz de verificar a especificidade do gênero,

procurando responder sobre o porquê de o texto elencado poder ser agrupado no gênero crônica.

Esses conhecimentos, ao serem trazidos para a prática docente, devem promover atitudes pedagógicas que se concretizem em práticas reais de uso da linguagem pelos alunos. Assim, a proposta de didatização do gênero crônica pode ser exemplificada a partir da leitura do texto “Fábulas de esôfago: a linda estória de Pollyana Sarney”, desenvolvida no item a seguir.

#### **4 Exemplo de didatização do gênero crônica**

Embasada nessas considerações sobre as concepções de gênero textual, as quais consideram que o suporte e a forma não são os únicos fatores determinantes da qualificação do gênero, escolhemos, para análise, um texto veiculado em jornal, no qual se percebe intertextualidade implícita com notícias da época de publicação, mas foge à estrutura formal de notícia, aproximando-se de crônica, além de suscitar elementos de outros gêneros.

A partir da observação de características intercambiáveis e mutáveis, presentes no texto “Fábula de esôfago: a linda estória de Pollyana Sarney”, verificou-se a necessidade de destacar as complexas operações de integração de múltiplos conhecimentos, na construção dos sentidos possivelmente pretendidos pelo autor. A percepção dessas características sociocomunicativas do texto mencionado permite que se extraiam delas posicionamentos sócio-históricos críticos, percebendo-os como elementos possibilitadores de posturas de assunção de cidadania.

A escolha do texto se deu pelo entrosamento temático com reportagens veiculadas durante o período das campanhas políticas de 2010. De autoria de Agamenon Mendes Pedreira, esse texto foi divulgado em suporte jornalístico, Diário de Pernambuco, que, embora datado de 17 de março de 2002, aborda de forma crítica a postura de alguns políticos de nosso país, a qual se mostra, ainda hoje, sem grandes alterações.

O objetivo primaz foi o de habilitar os alunos a extrapolar a superficialidade linguística, a fim de buscarmos, na funcionalidade do gênero, uma leitura plural, que lhes permitisse uma apreensão da criticidade ali contida ao mundo político, observando-se que as marcas linguísticas presentes e a ilustração, a qual acompanhava o texto, apontavam mais para uma narrativa fabulosa que para uma crônica.

Para isso, antes do trabalho com o texto escolhido, efetuaram-se pesquisas orientadas sobre o contexto histórico político de 2002, sendo as pesquisas realizadas, em periódicos, especialmente da revista Veja, edição 1.742, de 13 de março de 2002, no laboratório de informática e na biblioteca da escola.

Sendo o objetivo primaz de a leitura fazer com que os alunos construíssem os sentidos possíveis, apercebendo-se da importância da funcionalidade do texto como característica-mor para sua classificação genérica, não foi enfatizada a importância de aspectos meramente formais, os quais, no texto em estudo, é motivo gerador de questionamentos.

Compreendendo o gênero como linguagem em ação e acreditando ser toda palavra a manifestação do ser humano que se constrói em interação com o outro, iniciou-se, após a socialização das pesquisas efetuadas, o processo de leitura do texto escolhido, pela observação e análise do título e da ilustração que acompanhava a chamada na primeira folha do jornal.

Essa exploração foi conduzida por meio de questionamentos sobre a escolha lexical contida no título, especialmente os termos fábula, Esôfago e Pollyana Sarney, já que por meio dele, em reportagens, destaca-se o que é mais importante. Poderíamos dizer que, na



primeira parte do título do texto em análise, houve, para sua produção, a “apropriação” de elementos que povoam o conhecimento prévio dos alunos. Pelo emprego da palavra “fábula”, os alunos já anteciparam uma hipótese de gênero componente do seu contexto cognitivo. O direcionamento para a presença do termo adjetivo permitiu-lhes estabelecer uma referência às de Esopo, aspecto imediatamente observado pelos discentes, não obstante a distorção fonética proposital, criando uma lexia distinta e incoerente com o mundo das fábulas, posto que se refere à parte do organismo humano, especificamente, do aparelho digestor. A utilização dessa figura de linguagem denominada oximoro aproxima dois conceitos opostos numa mesma expressão, de forma que ela não pode ser interpretada literalmente, por absurda.

Mas alguma intencionalidade pode-se buscar na escolha lexical voluntária. Para isso, foi explorada a associação dessa parte do título à presença do sapo que salta das mãos da “princesa”, na ilustração da primeira página. Hipóteses foram levantadas, surgindo a ideia de o termo esôfago ser uma referência indireta à expressão “engolir sapos”, chegando os discentes a sugerirem que isso acontecia com o povo brasileiro, diante dos escândalos políticos de corrupção.

A segunda parte do título também resgatou um conhecimento prévio, acionando, novamente, os contextos cognitivos dos leitores, remetendo aos textos literários, bastante difundidos, Pollyana e Pollyana Moça, cuja personagem aceita os reveses da vida, acreditando sempre que deveria ficar contente com o acontecido, se confrontá-los com outros piores. Os alunos que desconheciam essas obras não estabeleceram essa associação de imediato, mas resgataram a figura política conhecida no cenário brasileiro.

Dessa forma, a esfera ou instância da produção discursiva, inserida no domínio discursivo jornalístico, levou os leitores a anteciparem possibilidades de gêneros textuais com os quais se defrontariam no momento dessa leitura. Entretanto a expectativa gerada a partir do título, em sua primeira parte, foi reconhecida como responsável por um desvio desse domínio discursivo, pois aventou para o leitor a expectativa de se deparar com o gênero fábula, ao mesmo tempo em que a segunda parte indicou o gênero conto maravilhoso.

Esse resgate, a partir das características formais indicativas de dois gêneros distintos, não foi suficiente para que a interpretação do título se desse de forma satisfatória, visto que só através da memória conceitual, que mobiliza o saber pré-construído, é que se dá a interação, possibilitando-se integrar a análise das estratégias linguísticas adotadas pelo autor que nos forneceu pistas as quais tornaram a mensagem significativa, ativando o conhecimento de quem seria Pollyana Sarney no cenário político do país.

As interpretações propiciadas pela leitura dependeram do grau de percepção do analista e da ativação de seus conhecimentos prévios sobre teoria de gêneros, sua constituição sócio-histórico-retórico-interacionista e do cruzamento de informações entre leituras anteriores desses gêneros e do texto em questão.

Nessa análise contemplaram-se as transformações interpretativas, a partir do deslocamento e produção de sentidos gerados pela constelação de gêneros, observados no texto. O questionamento sobre a intencionalidade subjacente à tessitura do título revelou-se aos alunos como bastante produtiva, já que as referências e escolhas dos itens lexicais feitas pelo autor não se deram por acaso, chegando os alunos à conclusão da possibilidade de, em um mesmo texto, observarem-se aspectos formais de gêneros distintos.

Assim, os alunos, além do estranhamento causado pelo título, em razão do suporte em que o texto se apresenta, viram na leitura analítica do corpo do texto, pretensamente jornalístico, características de gêneros variados. Apresentando aspectos formais de narrativa, o texto gerou uma expectativa de tratar-se de gênero reportagem, apesar de haverem sido facilmente percebidos pelos leitores elementos estruturais de outros gêneros, perpassando pela

estrutura das narrativas maravilhosas, com características também de crônica, e intitulado fábula pelo próprio autor.

Questionados sobre esses aspectos estruturais que lhes despertaram a atenção, os discentes apontaram o predomínio da linguagem padrão, a presença de diálogos, com a presença de um narrador em 3ª pessoa. Perceberam, pois, elementos essenciais de uma narrativa, como fatos sequenciados, personagens, tempo e lugar.

O fato que os levou a considerar a impossibilidade de ser o texto considerado uma fábula, mesmo apresentando uma frase resumitiva de um pronunciamento moral, foi o conhecimento resgatado de que, nas fábulas, os personagens são representados por animais ou objetos.

Os elementos linguísticos “há muitos anos”, “era uma vez” e “e foram felizes para sempre” foram observados pelos discentes como expressões referente ao tempo, comuns ao conto, além da situação espacial determinada (“num reino distante”, “num magnífico palácio à beira-mar”, “naquele reino”, “na ilha”, “no Maranhão”). Indagados sobre outras características formais de contos infantis, os alunos identificaram o uso de verbos de ações ou significativos (tocou, indagou, rebateu) e de verbos introdutórios das falas de personagens (explicou, obtemperou, perguntou, respondeu), destacando, ainda, o fato de estarem no passado (foi, nascia, nasceu, conseguiu, completou, debutou).

Também foi apontada a presença da definitivação, ou seja, a introdução do novo por uma forma indefinida, e retomada por uma forma definida (num reino, uma menina) e a força expressiva da repetição do item lexical “ingênuo”, o que suscitou acaloradas discussões sobre a ironia que se poderia entrever no uso desse termo.

Interessante a identificação de intertextualidade do trecho “O Príncipe das Arábias e sua comitiva de 40 pessoas”, com a história de Ali Babá e os Quarenta Ladrões. Questionados a respeito do efeito de sentido advindo dessa intertextualidade, os alunos associaram às notícias, anteriormente lidas na revista *Veja*, acerca do escândalo político que versava sobre o desvio de milhares de reais da SUDAM, encontrados no cofre de Murad, esposo de Roseana Sarney, fato provocador da escrita do texto em análise.

A mudança proposital de “Califa” por “Cafifa” e de família por quadrilha, através da similaridade dos sons, também foi reconhecida, pelos leitores, como intencional e plena de significações.

Os alunos foram direcionados a perceberem a ocorrência de uma aparente contradição no parágrafo inicial e foram chamados a tentar entender a intenção do autor ao utilizar-se destes paradoxos: “Apesar de pobre...”, “nasceu em berço de ouro”. “Sendo de uma família tão pobre...” “vivia uma vida nababesca de princesa”. Acionando conhecimentos prévios sobre o mundo político, alguns alunos aventaram a possibilidade de o autor estar se referindo à aparente pobreza dos políticos, mas que, na realidade, usam dos cargos para o enriquecimento ilícito. Reforçando essa compreensão, apontaram a expressão “brasileiros e brasileiras”, uma exortação que remetia ao contexto político, como chavão utilizado pelo então Presidente Sarney.

Nesses deslocamentos, o sentido do texto foi-se construindo, contrapondo-se ficção e realidade e, num movimento contínuo, os alunos foram buscando construir os sentidos possíveis, apesar dos “estranhamentos”, de forma a compreender a superposição dos textos. Foi importante para os discentes perceberem que, sem o conhecimento do gênero conto, do conteúdo do livro *Pollyana*, ou, ainda, do contexto histórico no qual estava inserida a reportagem da *Revista Veja*, o corpus analisado estaria destituído de sentido. A conclusão de que o repertório ou memória cultural é essencial a uma leitura proficiente foi instigante para os alunos, que valorizaram mais o ato de ler para conhecer o mundo e criticá-lo.

O conhecimento da estrutura do gênero crônica, reforçado com as pesquisas previamente realizadas, facilitou a compreensão dos fatos ali enfocados, exacerbando a estrutura atípica do gênero em questão. As informações não se mostravam totalmente explícitas, carecendo de inferências lógicas a partir de argumentos expostos em textos e fatos anteriores, o que foi facilmente reconstruído pelos alunos, especialmente no uso da estratégia de retorno à leitura de partes do texto.

Em suma, foram importantes, para a análise interpretativa do texto, o exame minucioso das escolhas das unidades lexicais pelo autor e a interpretação das sequências lógicas colocadas propositalmente, as quais serviram de pistas contextualizadoras. As inferências, a intertextualidade e os procedimentos estratégicos percebidos pelos leitores, a partir dos questionamentos direcionadores, foram elementos determinantes para a produção de sentido, levantando-se, então, questões sobre qual a funcionalidade social a que se prestava o texto e em que gênero ele melhor se enquadraria.

Após discussões orientadas, os discentes, consensualmente, acharam que, ao explorar a técnica da narrativa em tom jocoso, o autor criou condições favoráveis para que o leitor alcançasse o objetivo por ele (autor) esperado: relatar fatos com forte teor de crítica social. Com essa estratégia discursiva, foi comentado que o autor escolheu a melhor “tática”, a partir do deslocamento e produção de sentidos, para envolver ou seduzir o leitor do texto jornalístico, sendo sua função, inegavelmente, de acordo com os discentes, alertar os incautos sobre o desmando político em que se achava mergulhado o país, em 2002, acrescentando que essa problemática permanece atualmente, cabendo aos eleitores o voto responsável nas eleições que estavam por vir (2010).

Não havendo esse jogo de idas e vindas, a compreensão não seria feita de forma proficiente; no máximo haveria uma leitura parafrástica na qual os sentidos mais óbvios da narrativa seriam capturados e a interpretação se daria na camada mais superficial, nos sentidos mais denotativos apresentados no texto. A interpretação, nessa perspectiva, faz-se pelo domínio das regras impostas pela língua, quando procedimentos próprios para a análise são adotados pelo leitor, que escolhe a melhor tática para entender a idéia central perpassada na narrativa, reveladora de traços do inconsciente social através dos deslocamentos e produção de sentidos.

### **Considerações finais**

É sabido que a imensa profusão de gêneros existentes na sociedade reflete a diversidade de objetivos das atividades humanas, levando os indivíduos a escolherem os gêneros apropriados para convencer, informar, divertir ... Sendo assim, o ensino de leitura deve levar em conta essas adequações dos gêneros textuais, sem que se dê um tratamento uniforme a todos os textos, como se eles e todos os atos de leitura pudessem ser assegurados por uma única lógica. Dessa forma, a tríade entre objetivos do ato de ler, procedimentos cognitivos e psíquicos e gênero deve figurar em qualquer atividade de didatização de leitura.

Em razão das análises percorridas sobre o texto “Fábulas de Esôfago: a Linda Estória de Pollyana Sarney”, tomamos como evidente a necessidade da formação consciente dos gêneros e a observação atenta das funções escamoteadas em sua subjacência, para uma compreensão satisfatória dos gêneros textuais, como manifestação de um evento de interesses.

Vimos que, geralmente, se tenta classificar os gêneros em função de suas finalidades sociais e com relação aos mecanismos estruturais mobilizados por ele. A dificuldade para classificação do gênero crônica residiu na constatação de sua heterogeneidade, a partir da observação de aspectos como diversidade de critérios para defini-lo, caráter fundamentalmente histórico desta produção textual, estrutura com modificação de

características de outros gêneros, modificando-as, segundo a dinâmica desejada para a ação de estabelecer a crítica social pretendida.

Apresentando segmentos, que são finitos e classificáveis, de relato, diálogo, narração, argumentação, identificáveis, no gênero textual em questão, através de suas propriedades linguísticas, restou comprovado que as fronteiras entre os gêneros, realmente, não podem ser claramente estabelecidas, visto serem eles múltiplos e infinitos.

Outra observação resultante deste estudo foi a comprovação de que os gêneros podem compartilhar características através do tempo ou em diferentes situações, mas nunca são os mesmos, pois as situações não são exatamente as mesmas. Assim sendo, o mais importante da análise não reside na classificação do gênero textual em foco, mas a percepção de que o sentido do texto está na compreensão que as pessoas fazem dessas formas estruturais nas práticas sociais, ou seja, gênero nem é tipo de texto nem de situação, mas é relação funcional. O texto é o desempenho da ação, enquanto o gênero é a própria ação, que se dá num contínuo.

Desenvolver modelos de análise de gêneros é mais importante do que simplesmente classificá-los por suas formas, pois a sua identificação não é suficiente para dar conta da totalidade das características do gênero. Dessa feita, a valorização do gênero crônica, por esse novo prisma pedagógico, imerge o aluno em práticas sociais e atividades de linguagem letradas, possibilitando-lhe tornar-se leitor/produtor proficiente, em diferentes situações comunicativas, em busca da construção de sentidos, sociodiscursivamente elaborados.

## REFERÊNCIAS

- BAZERMAN, Charles. **Gênero, agência e escrita**. São Paulo, Cortez, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Escrita, gênero e interação social**. São Paulo: Cortez, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. São Paulo: Cortez, 2005.
- BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- CARVALHO, Nelly. **Publicidade: a linguagem da sedução**. São Paulo: Ática, 1996.
- CAVALCANTE, Joana. **O jornal como proposta pedagógica**. São Paulo: Paulus, 1999.
- COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas**. São Paulo: Ática, 1987.
- DIONÍSIO, Angela Paiva. Verbetes: um gênero além do dicionário. In DIONÍSIO, Angela Paiva.
- MACHADO, Anna Rachel. BEZERRA, Maria Auxiliadora (org.). **Gêneros Textuais & Ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.
- KLEIMAN, Ângela. **Oficina de leitura: teoria e prática**. 6 ed. São Paulo; Pontes, 1998.
- KOCH, Ingedore G. Villaça. **Intertextualidade: diálogos possíveis**. São Paulo: Cortez, 2007.
- KOCH, Ingedore. ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2006.
- MAINGUENEAU, Dominique; CHARAUDEAU, Patrick. 2004. **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo, Contexto.
- MARCUSCHI, Beth. Algumas reflexões sobre o texto texto e o texto escolar. In: XAVIER, Antonio Carlos (org.) **O texto na escola: produção, leitura e avaliação**. Recife, Editora do Autor, 2007.
- MARCUSCHI, L. A. **Linguística de texto: o que é e como se faz?** Recife, UFPE, 1983.
- \_\_\_\_\_. **Da fala para a escrita: atividade de retextualização**. São Paulo, Cortez, 2001.
- \_\_\_\_\_. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P; MACHADO, A. R. ; BEZERRA, M. A. (orgs.) **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MARI, Hugo; MENDES, Paulo H.A. Processos de Leitura: fator textual. In: MARI, Hugo; WALTY, I; VERSIANI, Z. **Ensaio sobre leitura**. Belo Horizonte: PUC Minas, 2005.

MILLER, Carolyn. **Estudos sobre Gênero Textual: agência e tecnologia**. Recife: Universitária da UFPE, 2009.

\_\_\_\_\_. Genre as social action. In: FREEDMAN, A., MEDWAY, P. (Ed.) **Genre and the new rhetoric**. London: Taylor & Francis, 1994, p. 23-42.

\_\_\_\_\_. Rhetorical community: the cultural basis of genre. In: FREEDMAN, A., MEDWAY, P. (Ed.) **Genre and the new rhetoric**. London: Taylor & Francis, 1994. p. 67-78.

PEDREIRA, Agamenon Mendes (Pseudônimo de Herbert Marcelo Madureira). **Fábulas de Esôfago: a linda estória de Pollyana Sarney**. In. Diário de Pernambuco, Caderno Viver. 17/03/2002.

ROJO, Roxane. Gêneros de discurso/texto como objeto de ensino de línguas: um retorno ao *trivium*? In: SIGNORINI, I. (org.) **[Re] discutir texto, gênero e discurso**. São Paulo: Parábola, 2008.

SÁ, Jorge de. **A crônica**. São Paulo: Ática, 1985.

SCHENEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Os gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

## ANEXO I – TEXTO VERBAL

### Fábulas de esôfago: a linda história de Pollyana Sarney

Há muitos anos atrás, num reino distante localizado entre o Piauí e o Pará, nascia uma menina pobre, mas que, apesar dos sofrimentos por que passava, sempre via o lado bom da vida. Seu nome: Pollyana Sarney. Apesar de pobre, Pollyana nasceu em berço de ouro num magnífico palácio à beira-mar. Ainda criança, Pollyana não conseguia entender por que, sendo de uma família tão pobre e miserável, ela vivia uma vida nababesca de princesa. Seu bom pai então lhe explicou:

- Brasileiros e brasileiras e minha filha, toda a nossa grana é oriunda da venda dos meus livros...

- Mas papai, como assim? Todo mundo sabe que 90% da população do nosso reino é analfabeta! - obtemperou a ingênua criança filiada ao PFL (Partido da Fadas Liberais).

- Mas os meus livros têm muitas figuras! - respondeu o seu paizinho imortal.

- Claro, claro, papai! Como eu não tinha pensado nisso antes! - respondeu a crédula e bondosa Pollyana.

Quando completou 15 anos, a jovem Pollyana Sarney debutou e foi organizado um lindo baile na Ilha do Curupu, uma espécie de Disneylândia particular que seu pai havia construído para ela.

- Mas por que no Curupu, papai? - perguntou a ingênua criatura.

- Porque você ainda é virgem, minha filha - respondeu o beletrista conservador do PMDB.

Nunca aquele reino havia visto uma festa tão suntuosa e imponente. Rios de champanhe francesa, cascatas de camarões, cordilheiras de caviar russo e desfiladeiros de lagostas faziam a alegria dos convidados. Feliz com aquela festa tão linda, a ingênua Pollyana perguntou ao seu extremoso pai:

- Mas, papai... Se nossa família é tão pobre, como é que o senhor arrumou dinheiro para uma festa tão acintosamente milionária?

- Minha filha - respondeu o senador, - você ainda é muito jovem e ingênua! Isso aqui não é uma festa, é um projeto de desenvolvimento regional que eu estou encaminhando na Sudam para acabar com a miséria no Maranhão...

- Claro, claro, papai - respondeu a jovem debutante, - como é que eu não tinha pensado nisso antes?

Foi aí, nesse momento, que Alcione, a Marrom, tocou as trombetas anunciando a chegada de um príncipe das Arábias e sua comitiva de 40 pessoas. A comitiva era de 20%. Montado num elefante branco construído com verbas da SUDENE, o galante príncipe cafifa, quer dizer, califa, Murad, adentrou o recinto. Em seguida, Murad apeou do imenso paquiderme e beijou Pollyana Sarney. Naquele instante mágico, quando o olhar de Pollyana cruzou com o do príncipe Murad, imediatamente os dois compreenderam que haviam sido feitos um para o outro. E, ali mesmo, resolveram se casar e constituir uma quadrilha, quer dizer, uma família. Murad então dirigiu-se cheio de mesuras ao seu poderoso futuro sogro.

- Quanto é que sai a mão da sua filha? Bote preço - indagou o galante príncipe.

- A mão só eu não vendo, só negocio o lote completo - rebateu o extremoso poetastro.

- Dinheiro há! Dinheiro há! - respondeu na lata, o cafifa, quer dizer, califa.

Apesar de ser uma menina dócil e ingênua, Pollyana Sarney também era uma mulher do seu tempo. Feminista militante, ficou indignada com aquela transação comercial onde a mulher era tratada como um simples objeto de troca-troca político. Revoltada com o pai, Pollyana resolveu fugir com o príncipe levando apenas a roupa do corpo.

- Meu pai, na condição de pré-candidata, eu não posso aceitar essa arcaica prática política das reacionárias oligarquias nordestinas!!!

E dito isso, abriu uma gaveta de onde tirou um milhão e trezentos mil reais, tudo em notas de cinquenta, montou um lindo cavalo branco e fugiu com o Murad para um Paraíso Fiscal onde ninguém, nem mesmo a Receita, poderia perturbar o seu amor idílico. E foram felizes para sempre...

Nota Preta do Autor: este conto, que custou uma fábula, só foi possível graças a uma generosa verba superfaturada da Sudam. Descontadas as comissões de praxe, é claro.

AGAMENON MENDES PEDREIRA não é o Jorge Murad mas também sabe inventar muitas histórias da carochinha.

‘No Brasil a vida de corrupto não é fácil: você tem que fraudar um Leão por dia.’ [Juiz Nicolalau]

**ANEXO II – ILUSTRAÇÃO (capa do Jornal Diário de Pernambuco)**

Maré alta: 5h57: 2.0 - 18h11: 1.9  
 Maré baixa: 12h00: 0.5 - 24h15: 0.6

**DOMINGO**

Nublado a parcialmente nublado no Litoral e Mata. Tempo bom nas demais áreas.

REVISADA TV

TENSÃO E PRAZER SOB O OLHAR DAS CÂMERAS F6 E F7

**EMPREGOS**  
 Empresas se previnem contra currículos falsos  
 Economia B14

**SAÚDE**  
 Cura da fimosose pode ocorrer sem cirurgia  
 Vida Urbana C8

**COLUMNAS**

Por que, porque e porquê. As regras e as diferenças.  
 Dad Squarisi, Vida Urbana C2

Ronaldo e Romário em forma garantem a Seleção  
 Tostão, Esportes D5

A linda e edificante fábula da bela Pollyana Sarney.  
 Agamenon, Viver E6

|                              |                               |   |                             |                               |
|------------------------------|-------------------------------|---|-----------------------------|-------------------------------|
| <b>I</b><br>IMÓVEIS<br>4.378 | <b>V</b><br>VEÍCULOS<br>3.285 | <b>OFERTAS NESTA EDIÇÃO</b><br><b>9.612</b> | <b>E</b><br>EMPREGOS<br>459 | <b>D</b><br>DIVERSOS<br>1.490 |
|------------------------------|-------------------------------|---|-----------------------------|-------------------------------|

O maior e melhor caderno de classificados **Classilider**

**DIÁRIO DE PERNAMBUCO**

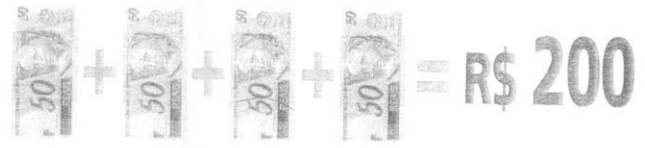
DIÁRIO DE PERNAMBUCO - CIFE, DOMINGO, 17 DE MARÇO DE 2002 - Nº 076 - O JORNAL AMÉRICA LATINA - FUNDADOR DOS ASSOCIADOS: ASSIS CHATEAUBRIAND 2ª EDIÇÃO http://www.pernambuco.com

**CRISE NA ALIANÇA**  
 Roseana enfrenta agonia da queda  
 A governadora do Maranhão tem pouco tempo para se recuperar nas pesquisas e evitar que o PFL abandone sua candidatura a Presidência Brasil A8



**Jornada diária de trabalho do brasileiro é cada vez maior**

São 1.920 horas trabalhadas por ano, número só superado no Mundo pelos norte-americanos  
 Economia B6



Novo salário mínimo começa a vigorar em 1º de abril